OS CONTOS DE FADAS E A TELEVISÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALEXANDRE DESTRO RAMOS

RESUMO

O tema desta pesquisa nasceu da preocupação de muitos educadores em como trabalhar a influência da televisão e dos contos de fadas no dia a dia da criança, considerando a realidade de vida de nossos alunos, hoje profundamente marcada pela experiência televisiva. Observa-se que, diante do impacto que os meios de comunicação exercem sobre a formação da criança, é necessário recorrer à utilização da imagem e do processo dialógico como ferramentas essenciais para a construção da aprendizagem, nesse sentido, torna-se fundamental compreender como os contos de fadas, aliados às representações midiáticas, podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança, especialmente no início de sua vida escolar, ou seja, na educação infantil. Em sala de aula, esse trabalho deve ser apresentado de forma a estimular o raciocínio crítico e criativo do aluno, possibilitando que ele não apenas consuma passivamente as informações transmitidas pela televisão, mas que também aprenda a refletir sobre elas, interpretando e ressignificando as mensagens recebidas. A integração entre televisão e literatura infantil, em especial os contos de fadas, pode favorecer a construção de valores, a ampliação do repertório cultural e a promoção da imaginação. Além disso, a abordagem pedagógica que une essas linguagens proporciona ao educador estratégias mais dinâmicas para contextualizar conteúdos, promovendo aprendizagens significativas, portanto, este estudo busca destacar a importância de trabalhar criticamente a televisão e os contos de fadas no ambiente escolar, valorizando-os como instrumentos de mediação no processo educativo e ressaltando seu papel no fortalecimento da formação integral da criança, preparando-a para atuar de maneira reflexiva e criativa diante do mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Contos de Fadas; Televisão; Mídia e Educação; Lúdico.

INTRODUÇÃO

Recriar e renovar o fazer pedagógico dos professores nas salas de aula nunca foi tão importante como agora. Novos paradigmas se colocam para nós educadores neste novo século, fazendo com que busquemos inovações pedagógicas e formas mais eficazes de educar as crianças.

É importante ressaltar que em toda prática educativa o lúdico é fundamental na vida do ser humano e principalmente para a criança (que vive no mundo do faz de conta).

Piaget (Taille: 1992) mostra em seu estruturalismo genético que todas as crianças passam por estágios de estruturação de pensamento em crescente complexidade psicogenética. O que se busca nesta fase de desenvolvimento é principalmente a socialização e o contato da criança com o mundo que a cerca.

A prática educativa do professor-educador deve buscar situações de aprendizagem em que ele em todas as suas ações seja um mediador do educando.

A intencionalidade colocada pelo educador ao propor uma atividade em sala de aula, faz com que os objetivos que se tem nesta fase da educação sejam plenamente alcançados. Novelas, seriados, desenhos animados, noticiários..., qualquer programa de televisão pode ser usado na sala de aula para introduzir ou aprofundar conteúdos e para discutir valores e comportamento. Ela usa ação, imagens e sons especialmente selecionados para prender a atenção da garotada. É capaz de desenvolver a imaginação, ajuda na formação de memórias de longa duração e é um ótimo recurso para o entretenimento.

É notável o fascínio que a TV proporciona nas pessoas em especial nas crianças, o desenho animado as series infantis, os comerciais, musicais, a cor, os personagens, tudo contribui para chamar sua atenção e prendê-la diante do aparelho.

Esse meio de comunicação de massa, que faz parte do dia-a-dia de milhares de pes-

soas é tão importante quanto controverso, despertando assim o amor e ódio de muitos educadores, psicólogos e sociólogos. Alguns dizem que a TV aliena e emburrece. Outros acusam de promover a violência e o consumismo.
A televisão e a escola costumam ser colocadas em campos adversários do debate social. Contudo, ela não é um monstro e, se bem utilizada, pode se transformar em uma ótima ferramenta para a educação.
Para que produza resultados positivos na aprendizagem dos educandos, o uso da televisão em sala de aula deve ser mediado pelos educadores, porém, os mesmos devem planejar antecipadamente os conteúdos que serão abordados. Pois sem critérios e objetivos pedagógicos claros, a televisão pode virar embromação.
Entretanto, quando não se tem uma proposta clara quanto à ação proposta, o simples ato de colocar as crianças para assistir TV apenas preenche o tempo.
A relação prazer, entretenimento e aprendizagem são possíveis, portanto, não dá para desprezar uma ferramenta pedagógica com tamanho poder de sedução e acessibilidade.
A influência que a programação televisava causa em nossos educandos é de suma importância, podendo contribuir positiva ou negativamente em sua formação.
Qual a influência que a programação da televisão brasileira causa na educação infantil? A televisão realmente exerce poderosa influência em nossa cultura, reflete, recria e difunde o que se torna importante socialmente? Qual o papel do educador como mediador desse meio de comunicação de massa?
Essas questões ilustram a incógnita que persiste por décadas nas mentes de educadores do Brasil e do mundo.
Portanto, este trabalho tem por objetivo pesquisar os prós e contras da mídia televisiva, mostrando como um veículo de extrema expressão pode contribuir para a melhoria na aprendizagem dos educandos brasileiros, constituindo num importante papel educativo.

A TELEVISÃO E A CRIANÇA

Todos os dias milhões de crianças do mundo inteiro prendem-se aos acontecimentos e encantamentos dos programas de T.V.
Nem sempre são os "supostos" programas infantis os preferidos por este público. Na verdade, novelas são alguns dos programas de maior audiência entre os pequenos telespectadores.
Elas escolhem o que mais lhes interessa. Há critérios de censura, pela própria emissora de TV ou governo, porém, grande parte do público infantil tem autonomia quanto ao uso da televisão.
Diferente do cinema, do teatro ou das revistas, a TV não bate à porta, pedindo entrada. Ela já se encontra instalada confortavelmente no lugar mais nobre da sala.
A criança ao ver televisão nem sempre está acompanhada de um adulto. Isto contribui para que manipule o aparelho e assista a programação que queira, sem restrições.
Na busca de tempo livre, muitos pais simplesmente transferem para a televisão os cuidados maternos e paternos, ou por comodismo ou por impossibilidades, principalmente onde não existe espaço para lazer.
Algumas observações realizadas em ambientes educacionais mostram que até a idade de dois anos ainda existem dificuldades da criança seguir uma história e compreender o encantamento das imagens.
Animais e crianças chamam mais atenção, pois podem ser identificados com facilidade.
Entre 2 e 3 anos inicia-se o fascínio pelo movimento, elas podem distinguir as ações de seu mundo quotidiano para lentamente integrá-los ao imaginário.
Perto dos 4 anos a criança se interessa por histórias mais longas, mais elaboradas.
Essa evolução prossegue podendo sofrer distorções, principalmente entre quatro e cinco anos, quando a criança está afirmando seu próprio "eu".
Nessa fase ela entra igualmente num processo de socialização formal, que é a escola.
Em um processo de evolução contínuo, a criança, portanto, distingue aos poucos o que a TV lhe apresenta e que pertence apenas ao domínio da fantasia.

O QUE A CRIANÇA VÊ NA TV

Quando falamos de televisão, devemos falar também do contexto cultural no qual o país

está inserido.
Basta ligar a televisão para ver que a maior parte dos programas infantis exibidos é estrangeira, são desenhos animados, seriados infantis ou juvenis, concursos de sósias, novelinhas infantis.
São inúmeros os programas importados de outros países, que se apropriam do horário televisivo brasileiro. Segundo Baccega "Hoje não é possível pensar a realidade brasileira sem televisão. Ela conforma desejos, influencia a categorização dos anseios, generaliza particularidades, compõe o tecido da cultura, enfim, educa." (2002:07)
Pesquisas realizadas por Sérgio Caparelli (1998:151), revelam que em se tratando de porcentagem na programação infantil atual, a programação nacional atinge cerca de 12 por cento e a estrangeira aproximadamente 88 por cento.
Isso mostra que existe uma preocupação maior na produção de programas adultos do que para crianças (telenovelas, programas de variedades), propiciando a importação de conteúdos infantis para sua veiculação em território brasileiro.
Ao lado da programação brasileira, temos a todo o momento parcelas de sua emissão dedicadas a desenhos animados estrangeiros. Porém, no computo geral, são tidos como programas de origem brasileira.
Vale lembrar que sai mais barato importar um desenho do que produzi-lo no país.
A falta de investimento nacional na programação infantil pode ser explicada pela função que a televisão ocupa numa sociedade capitalista como a brasileira.
Como esse meio de comunicação é explorado pela iniciativa privada, seu objetivo principal é o lucro.

A TELEVISÃO E A ESCOLA

A linguagem mais fácil de compreender o mundo é a linguagem visual, Paulo Freire defendia a importância de se aprender a "ler" o mundo, a ler a palavra mundo.
Em Cartas à Guiné-Bissau Freire explicitou esse tema escrevendo: "Na verdade, o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da 'leitura' do mundo". (1977:65) Antes da nossa alfabetização nosso primeiro contato é com imagens, e é por meio delas que auxiliam o nosso aprendizado, descobrindo alguns significados do mundo.
Segundo ROSSI (2003:104) na sociedade contemporânea em que estamos expostos há uma grande quantidade de imagens, mas não estamos acostumados a pensar sobre elas.
Conduzir a observação para que os alunos percebam as imagens e possam analisá-las, ao mesmo tempo em que as potencializam podem surgir várias leituras e interpretações. Tedesco (1998:60) afirma que na tradição do ocidente a imagem sempre foi supervalorizada em relação ao texto escrito.
Assim sendo, podemos assegurar que a comunicação de massa pode dar à educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do educando
Na figura representada por um Bizonte desenhado na Caverna de Altamira, na Espanha, mostra-nos que desde os primórdios o homem utiliza-se imagens para se comunicar e se expressar.
Para Jung (1997:174) a imagem é uma das formas mais amplas de comunicação.
Podemos afirmar então, que a criança chega à escola já alfabetizada, não na alfabetização que se refere à escritura, mas na alfabetização audiovisual.
A alfabetização que o educando traz é uma alfabetização ligada aos meios de comunicação, sobretudo, à televisão, que aos livros.
A televisão e a escola costumam ser colocadas em campos adversários do debate social, porém, seu conteúdo traz uma aquisição de conhecimentos extraclasse importantíssimos para o trabalho pedagógico em sala de aula.
Segundo o Professor Barros Filho: "A televisão é o principal manancial de referenciais cognitivos dos alunos, e muitos professores têm um preconceito tão grande que se tornam incapazes sequer de reconhecer esses mananciais" (1996:12).
Sendo um dos principais meios de aquisição de conhecimentos, a televisão, não pode mais ser desconsiderada, pelos educadores brasileiros.
Esse meio de comunicação se tornou para nós, absolutamente imprescindível em ter-

mos de lazer e informação.
A criança quando está em casa, tendo televisão, ela vê desenhos animados, novelas, programas musicais entre outros programas.
Há também as chamadas televisões educativas, onde o compromisso com a cultura, o bom gosto, o entretenimento saudável e construtivo é também apreciado por muitas crianças.
Portanto, a televisão na vida dos educandos brasileiros, torna-se uma ferramenta de aquisição da "cultura informal", que contribui com uma grande parcela no desenvolvimento intelectual do aluno, ou seja, ela se torna uma escola paralela à escola convencional.
Sabemos que a educação é muito mais importante para o desenvolvimento socioeducativo do país do que vários outros fatores de produção.
O uso da televisão em sala de aula deve ser apresentado de forma a estimular o raciocínio crítico e criativo do aluno, significa que o educador deve ter a oportunidade de escutar posições alternativas, mesmo antagônicas, sobre os assuntos mais importantes.
A televisão introduziu-se na sala de aula como uma fonte de educação que não pode ser ignorada pelo professor. Educação não é instrução, segundo Freire (2000:47) educar é construir, é libertar o ser humano criando possibilidades e estabelecendo comunicação entre a construção da aprendizagem.
A escola tem uma grande parcela de responsabilidade pela democratização do saber, paralelamente à escola, e com um imenso poder no que se refere a influencias culturais, está a televisão, a qual trabalha com signos que clamam por seus significados nos próprios significantes, ou seja, é como se os signos que compõem a TV não necessitassem de referentes, e atingissem diretamente os sentido, as emoções, diferentemente do que acontece com os signos da linguagem verbal, com a leitura-escrita, com os livros, nos quais se baseia a escola.
A televisão exerce um importante papel no sistema comunicativo, um grande desafio das escolas, é deixar de compreender a educação apenas como instrução, referindo-se à linguagem escrita e aos livros didáticos, como seu principal meio de transmissão.
É preciso deixar de encarar a televisão como inimiga, apenas pelo fato de ela ser divertida – o que é divertido também pode educar.

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL – A TV FREQUENTA A ESCOLA

Poucas pessoas relacionam a televisão com a aprendizagem, e sim com o entretenimento, pode-se também observá-la com olhos educativos, a fim de averiguar a possibilidade de tornar a educação mais significativa.
O tema desta pesquisa nasceu da preocupação de muitos educadores em como trabalhar a influência da televisão no dia-a-dia da criança considerando a realidade de vida de nossos alunos, hoje profundamente marcada pela experiência televisiva observa-se que é necessário recorrer à utilização de imagem e do processo dialógico, para a construção da formação do aluno, especialmente no início de sua vida escolar, ou seja, na educação infantil.
Falar mal de televisão brasileira é tão comum quanto reconhecer sua importância na formação da cultura nacional. É claro que a televisão trouxe alguns problemas:
Com o advento da televisão, diminuiu-se em muitos lares a conversa doméstica. A televisão hipnotiza a família e ninguém conversa com ninguém.
Os hábitos das famílias mudaram. Habituadas à televisão desde a infância, as novas gerações cresceram em um ambiente muito distinto daquele que cercava as crianças da primeira metade do século. Havia mais tempo de convívio com os pais.
A televisão tem despejado sobre nós uma soma de violência, erotização precoce de jovens e crianças e estímulo ao consumismo, que não estão só nos filmes e seriados de outros países, mas também no dia-a-dia real dos noticiários, nos desenhos animados que crianças teimam em assistir com os olhos arregalados.
Esses são alguns aspectos negativos que encontramos na televisão. E o lado bom? E o entretenimento? E a cultura? A informação e a companhia nas horas de solidão?
Diante de tantas divergências sobre o uso da televisão como um meio de contribuição educacional, esta pesquisa levará os educa-

dores a refletirem sobre a relação formal e informal da televisão, como aproveitar a informação que adentra os muros da escola, um conhecimento que não está sendo tão aproveitado em sala de aula como deveria, por exemplo, a questão da cidadania, democracia e civilidade.

OS PAIS E A CONVIVÊNCIA COM TV NO LAR

Segundo (Barros Filho, 1996:12), "A televisão é o principal manancial de referenciais cognitivos dos alunos".

Uma pesquisa do IBGE (1997), mostrou que 92% das pessoas passam no mínimo 3 horas diárias em frente à televisão, sendo que para 75% a televisão é distração favorita.

Apesar das crianças gostarem mais de desenhos animados, acabam assistindo mais a programas considerados de adultos por influência dos pais, pois assistem a novelas junto com eles, no entanto, alguns pais deixam seus filhos assistirem aos programas televisivos sozinhos, enquanto realizam algumas atividades domésticas.

Neste contexto, alguns pais o que mais fazem para entreter seus filhos quando estão em casa é assistir televisão com eles, como diz MARCONDES FILHO, 1990:15 "há lares em que a televisão fica ligada o dia inteiro, as vezes até sem que ninguém a assista: é um aparelho falando sozinho.

Os programas que os filhos veem na TV influenciam na sua educação tanto na escola quanto em casa.

Considera-se que programas educativos podem auxiliar na aprendizagem dos mesmos.

O PROFESSOR E A TELEVISÃO COMO RECURSO PEDAGÓGICO.

A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96), em seu título II, art. 2, afirma que: "a Educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Verifica-se, portanto, uma preocupação com a formação moral da educação e uma intenção em contemplá-los nas propostas que se apresentam à sociedade.

Como instituição especificamente destinada à educação, a escola deve empenhar-se na formação moral de seus alunos.

Cabe à escola estruturar-se para ensinar as crianças, não só o conhecimento construído pela humanidade ao longo dos séculos, mas também lições de vida com a inclusão de estudos de valores de maneira formal e informal, durante cada ano letivo em que a criança permanecer no sistema escolar. Nessa perspectiva, pode-se utilizar a mídia como material pedagógico em sala de aula, tendo como objetivo trazer para a sala de aula temas que pertencem as agendas públicas de discussão social.

Dessa forma, o sistema televisivo, requer reflexões éticas, por envolver posicionamento e concepções a respeito de suas causas e efeitos, de sua dimensão histórica e política já que as pessoas nas suas comunicações interpessoais discutem prioritariamente sobre os temas abordados pela mídia.

Usando como referencial teórico os temas transversais, descritos nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), pode-se fazer uso da televisão na aprendizagem, uma vez que se trata de um instrumento de comunicação social que deve também ser usado a serviço do povo na construção da cidadania e da democracia.

OS CONTOS DE FADAS E SUAS ORIGENS

Ferreira (2001, p.181) conceitua contos de fadas da seguinte forma: "Conto é uma narração falada ou escrita" e "fadas é uma entidade fantástica, com poder sobrenatural" (2001, p. 311).

Por meio do conceito abordado, pode-se esclarecer que os contos de fadas são narrações orais ou escritas, onde há integração de diversos tipos de personagens, como as fadas, que apresentam poderes fora das leis naturais que vão sendo evidenciados no decorrer da história.

Os contos de fadas são histórias divulgadas desde a antiguidade expandindo-se oralmente de geração a geração, exercendo grande influência no mundo infantil, atribuindo não apenas a função de distrair as crianças, devido à magia e a fantasia existente, mas tornando-se alvo para o desenvolvimento infantil (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Conforme se perpetuaram pelas gerações,

os Contos de Fadas instigaram o mundo infantil, tendo o poder de entreter e transmitir significados e consequentemente colaborando no processo de desenvolvimento das habilidades e do imaginário das crianças.
Há diversos registros antigos que abordam o uso dos contos de fadas em diferentes culturas, agradando várias gerações antes mesmo de serem registrados pela escrita a qual se conhece hoje sendo utilizados para formação da cultura de N. 28 (ANO 2014-2): REVISTA EDUCAÇÃO & MUDANÇA - ISSN 2179-521534 34 diferentes povos (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).
Percebe-se que, os contos de fadas foram utilizados por diversas culturas com o intuito de encantar e também ensinar em diferentes civilizações, sendo em forma de escrita ou oral. No que se refere à perpetuação dos contos de fadas, é possível perceber que:

Quem lê Cinderela' não imagina que há registros de que essa história já era contada na China, durante o século IX d.C. E, assim como tantas outras, tem se perpetuado há milênios, atravessando todas as geografias, mostrando toda a força e a perenidade do folclore dos povos. Por quê? Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que denota a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu (ABRAMOVICH, 2006, p. 120).

Compreende-se, portanto, que os contos de fada é como uma ponte que une o real ao imaginário trata-se de um recurso poderoso no desenvolvimento cognitivo da criança servindo em dados momentos como um elemento que explica para ela determinadas situações que, mesmo não fazendo parte de seu cotidiano, podem servir como um influenciador em suas ações futuras.
A literatura designa que os contos de fadas são de origens célticas (século II a.C.), naquela época mulheres mais velhas utilizavam destas histórias para educarem as crianças. Os povos da antiguidade conheciam esse universo mágico, que agradava e enfeitiçava o imaginário humano, por meio de uma linguagem repleta de significados que tinha a competência de ligar o consciente ao inconsciente. Na Europa (França e Alemanha) os contos de fadas surgiram no final do século XVII e XVIII. Nesta época o momento histórico se configurava com a Inglaterra que passava pela segunda Revolução Industrial. Nesse período os contos eram mediados pela moral, pois a sociedade era repressiva quando se falava de questões sexuais, ponderando que os conceitos de infância e educação não eram vigorados naquele tempo (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).
No Brasil e em Portugal os contos de fadas, como são conhecidos atualmente, surgiram no final do século XIX e titulados de Contos da Carochinha. Sua denominação foi mudada apenas no final do século XX, passando a ser chamados de Contos de Fadas (OLIVEIRA, 2010). N. 28 (ANO 2014-2): REVISTA EDUCAÇÃO & MUDANÇA - ISSN 2179-521535 35 Nota-se que, inicialmente, os contos de fadas eram apresentados apenas aos adultos, não eram voltados para infância, mas com o decorrer dos séculos esse panorama foi sendo modificado e as narrativas começaram a ser passadas para as crianças, apresentando-se com um caráter educativo e formativo.

ANÁLISE DA ESTRUTURA DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas seguem uma estrutura fixa, partindo de um problema ligado à realidade da criança como, por exemplo: carência, tristeza e conflitos que possam interferir no desequilíbrio da tranquilidade, sendo o desenvolvimento a busca de soluções, ligadas no plano da fantasia, com a integração de elementos mágicos (fadas, bruxas, gigantes, etc.) e o desfecho da narrativa onde ocorre uma recuperação da ordem, quando há uma volta ao real (ABRAMOVICH, 2006).
Pode-se perceber que a estrutura dessas histórias sempre passa pelo imaginário de que, apesar das dificuldades, a vida deve ser vivida com intensidade, coragem e que aquele que faz o bem no final da história sairá vencedor.
Todos os contos de fadas apresentam etapas: inicia-se com a passagem, o percurso ao mundo mágico, o encontro com a personagem do mal ou com o obstáculo, a dificuldade a ser superada e a conquista com a celebração da recompensa, uma trajetória que

induz e instiga a mente infantil (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Compreende-se que os contos de fadas provêm de uma problemática em que a criança começa a viver as situações narradas na história, tendo a capacidade de perceber que as soluções partem de variantes imagináveis e sempre terminam com o restabelecimento da ordem.

Os princípios que dividem as personagens em boas e más, bonitas e feias, fortes e fracas, etc., auxiliam a criança a entender valores da conduta humana na sociedade (OLIVEIRA, 2010).

Por meio do comportamento e da postura das personagens a criança tem a chance de realizar comparações, de se imaginar vivendo as mesmas experiências tanto as boas quanto as ruins, favorecendo a compreensão das diferenças de cada indivíduo.

As formas prescritas no início e no fim têm como objetivo situar o conto no imaginário infantil, a uma eliminação das fronteiras entre o real e o irreal, guiados N. 28 (ANO 2014-2): REVISTA EDUCAÇÃO & MUDANÇA - ISSN 2179-521536 36 pela mágica expressão "Era uma vez", a criança entra em um mundo afastado do seu, embarca e aventura-se acompanhada de personagens fictícias, vivendo grandes emoções, e no momento em que é pronunciado o esperado "Viveram felizes para sempre" visa-se anunciar que os contos de fada terminou momento em que a criança retorna na sua realidade (MESQUITA, 2010).

Os contos de fadas são estruturados partindo de um princípio, de um meio e do fim, colaborando para que a criança entenda toda a narração e principalmente consiga retirar valores que possa ajudá-la a enfrentar as situações vividas no cotidiano, encorajando-a e colaborando para sua formação.

INFLUÊNCIAS DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E IMAGINÁRIO INFANTIL

Os contos de fadas são uma fonte importante e altamente atrativa quanto ao seu poder de aumentar o nível de concentração, provocando nas crianças o interesse e o prazer em ouvir, despertando a criatividade e imaginação e favorecendo consequentemente a ampliação da oralidade (OLIVEIRA, 2010).

Em relação às experiências que a criança pode obter no seu desenvolvimento escolar com a contação dos contos de fadas, Pavoni (1989 apud OLIVEIRA, 2010, p.10) assevera que: As histórias de fadas e de mitos atraiam as crianças, levando-as a se interessarem pela leitura. A consequência desta prática foi o desenvolvimento da expressão oral e escrita, a ponto do rendimento melhorar também nas outras disciplinas. Sabe-se que um dos grandes problemas dos professores é que os alunos não sabem ler instruções, não entendem o que se pergunta.

Além disso, observa-se melhor entrosamento social entre os alunos e destes com a professora.

Ou seja, ao se conseguir que a criança se interesse e volte sua atenção para os contos de fadas é possível que o professor consiga maior êxito no seu trabalho em relação à expansão da oralidade e da escrita dos alunos, elevando gradativamente o nível de aprendizagem em todas as disciplinas e acarretando também uma agradável convivência entre todos. N. 28 (ANO 2014-2): REVISTA EDUCAÇÃO & MUDANÇA - ISSN 2179-521537 37

Observa-se que os contos de fadas possuem um rico papel na infância, auxiliando no desenvolvimento da personalidade, enriquecendo a existência do indivíduo, e principalmente contribuindo para ampliação das habilidades sociais, culturais e educativas (OLIVEIRA, 2010).

A respeito do papel da escola na vida da criança, Costa e Baganha (1989 apud MATTAR, 2007) salienta que: A escola não só é responsável pela propagação de conhecimento, como pode subsidiar a formação pessoal de cada ser humano. Os contos de fadas podem ser um importante instrumento pedagógico, por ajudar no processo de simbolização, ao mesmo tempo em que alivia pressões inconscientes.

Portanto considerando o papel que a instituição escolar tem tanto no desenvolvimento do saber quanto no auxílio ao crescimento individual dos alunos, podem-se utilizar os contos de fadas como um aporte a aprendizagem, uma fonte de saber e também um conforto aos problemas diários.

Ao ler ou ouvir os contos de fadas na escola,

a criança tem a possibilidade de criar questões e buscar soluções para elas, formular explicações, proferir opiniões, decifrar o mundo, comparar o seu modo de pensar e agir e relacionar seus conhecimentos e ideias com os de outras crianças e adultos (OLIVEIRA, 2010).

Além dos contos de fadas serem um subsídio para aquisição do conhecimento, esse tipo de leitura possibilita à criança descobrir sua própria identidade, Quem sou eu? Por que sou assim? Questionamentos que quando esclarecidos lhe proporcionam compreender o sentido do próprio eu. A partir do contato com os contos, os leitores começam a ser capazes de enfrentar seus temores, não deixando que o medo, faça com que desistam de lutar e vencer (ABRAMOVICH, 2006).

Estas histórias cooperam para o entendimento dos sentimentos dos indivíduos, por meio da compreensão da linguagem oral, escrita e gestual da leitura (SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

No momento em que as crianças fazem a leitura de um conto de fada, é passada uma mensagem de que na vida não há como não se deparar com as dificuldades, mas que quando a luta e determinação, é possível alcançar a vitória (PREGNOLATO 2005). N. 28 (ANO 2014-

A UTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NA SALA DE AULA

O trabalho realizado nas escolas com a utilização dos contos de fadas pode ser extremamente significativo, pois favorece trocas entre o educador e o educando e a interação entre os colegas no momento da contação da história (SYLVESTRE, 2013).

Através dos contos de fadas o professor conseguirá incitar a criatividade e autonomia, ajudando a desenvolver nas crianças uma atitude investigativa, tornando-as capazes de reconhecer as diversidades culturais, levando-as ao conhecimento do mundo (OLIVEIRA, 2010).

A partir da utilização destas histórias como recurso didático-pedagógico, poderá ser desenvolvido com os alunos experiências que os incentivem a criar, a experimentar e a refletir, possibilitando a ampliação das linguagens de expressão no ambiente escolar (SYLVESTRE, 2013).

Para que os contos de fadas sejam empregados adequadamente, favorecendo na construção do conhecimento, o professor deve fazer uma criteriosa escolha do conto que irá expor, levando em conta a idade, local e a maturidade das crianças, se atentando para alguns aspectos: aptidão do narrador, organização do ambiente e a preparação dos ouvintes. É necessário ter conhecimento sobre a história que será contada, utilizando uma linguagem acessível e entoando a voz conforme os fatos vão ocorrendo (SACCOL; COMARÚ, 2004). N. 28 (ANO 2014-2): REVISTA EDUCAÇÃO & MUDANÇA - ISSN 2179-521539 39

A avaliação da história a ser contada é fundamental para que os objetivos sejam alcançados, é importante ter como critério a seleção de histórias que tenham relevância para os alunos, que enriqueçam suas vidas, pois, o que é significativo para criança, favorece o seu maior interesse e consequentemente amplia o seu desenvolvimento.

Segundo Veloso (1994 apud MESQUITA, 2010, p. 45):

O ritual que se exige, os silêncios que se ouvem, o cenário que nos envolve, a forma do olhar, a expressividade das mãos são elementos indispensáveis a essa vivência profundamente solidária que é o contar/ouvir um conto. A voz que veicula a história tem uma importância fundamental; não só ela, mas também a postura física do contador constitui uma peça a ter em conta. Esta atmosfera mágica indispensável toca profundamente o(s) ouvinte(s). Portanto, no momento em que o professor narrar os contos de fadas para o aluno, é essencial que ele crie um clima que envolva e encante os ouvintes, dando pausas, criando intervalos, para que a criança possa construir o cenário e os seus conceitos, vivenciando tudo que está sendo contado de forma prazerosa e espontânea.

Por meio das histórias lidas em sala de aula pelos alunos ou contadas pelo professor, pode-se perceber que as crianças vão experimentando estados afetivos diferentes do que a vida real pode proporcionar. A presença dos contos de fadas na escola simboliza

um estímulo forte a aprendizagem da leitura e escrita, pois, conforme adquirem o gosto pela leitura vão sendo incentivados a escreverem melhor, tendo um repertório amplo de informações (OLIVEIRA, 2010).

Desta forma, a exploração dos contos de fadas no dia a dia das escolas colabora para que os educadores incentivem debates valiosos à aprendizagem dos alunos (SYLVESTRE, 2013).

É necessário conceder às crianças as ferramentas que lhes deem o direito de se desenvolver, de pensar o mundo e formular respostas, e o conto de fadas se presta a uma destas possibilidades (SACCOL; COMARÚ, 2004).

Ao utilizar metodologias relacionadas com os contos de fadas nas instituições escolares, as crianças gradativamente se envolveram no mundo da literatura, das histórias, acarretando a aprendizagem de diversos conteúdos, colaborando para a formação pessoal e social do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que em toda prática educativa o lúdico é fundamental na vida do ser humano e principalmente para a criança (que vive no mundo do faz de conta), e a necessidade de novos métodos para trabalhar com os educandos tornou-se presente na maioria das unidades educacionais.

Com base em todas as discussões salientadas neste trabalho, tornou-se claro o quanto os contos de fadas influenciam no desenvolvimento cognitivo e imaginário das crianças, auxiliando num maior nível de concentração na leitura e escrita, no seu modo de pensar e agir, na socialização com outras crianças, a prática educativa do professor-educador deve buscar situações de aprendizagem em que ele em todas as suas ações seja um mediador do educando.

A interferência do professor é de extrema importância, no sentido de estimular o gosto pela leitura, de escolher histórias e aplicá-las com criatividade para que propicie a criança compreender o mundo, ajudando-a desempenhar seu papel na sociedade de forma autônoma e crítica. Esperar-se que por meio deste material os educadores possam colocar em prática o emprego dos contos de fadas e da TV, como sendo facilitadores do aprendizado dos alunos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil, gostosuras e bobices.5 ed. São Paulo: Scipione, 2006.

ADORNO, T. W. Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

FERREIRA, A. Mini Aurélio Século XXI Escolar. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, P., Cartas à Guiné-Bissau. 1ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____, Pedagogia da Autonomia, 31ª Edição, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAZAR, J., Mídia e Aprendizagem. In: Mediatamente! Televisão, cultura e educação. Brasília: Ministério da Educação/Secretária de Educação a Distância, 1999.

NEVES, C. M. C., Tecnologias na educação presencial ou à distância: seis lições básicas, In: Pátio – Revista pedagógica. Porto Alegre: Artmed 2001.

PACHECO, E. D. (org) Televisão, criança, imaginário e educação. Campinas: Papirus, 1998.

PIAGET, J., A Noção do Tempo na Criança. Rio de Janeiro: Record, 19_. PORTO, T. M. E., A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta? São Paulo: JM Editora, 2000.

REIS, M., A influência da TV como cultura informal. São Paulo: Editora Phoenix 2003.

REVISTA, Comunicação e Educação, TV, criança e violência. Editora Salesiana, Ano VIII maio/ago. de 2002.

REZENDE, A. L. M. A tevê e a criança que vê tevê. 2ª Edição, São Paulo: Cortez, 1993.

SEVERINO, A. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TEDESCO, J. C. O novo Pacto Educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. São Paulo: Cortez, 2000.

VIGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fonte, 1978.